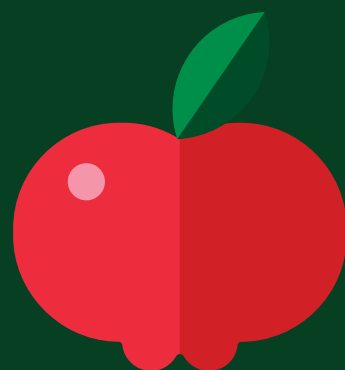
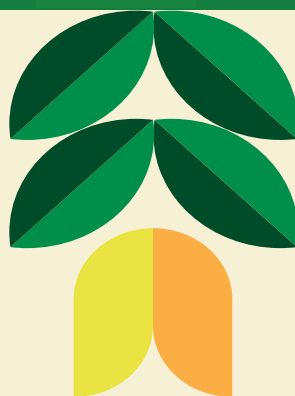
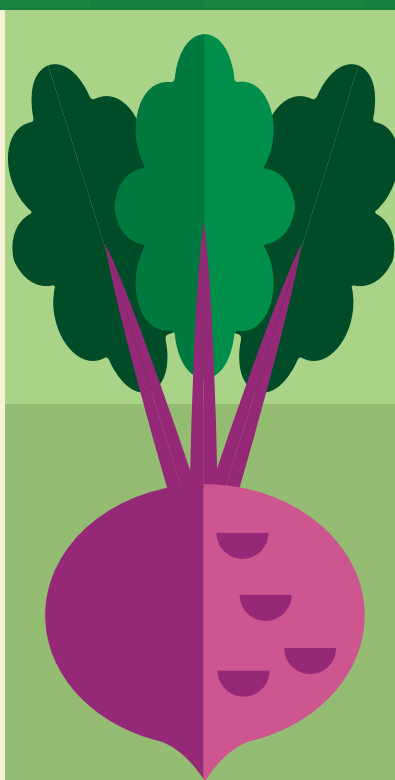
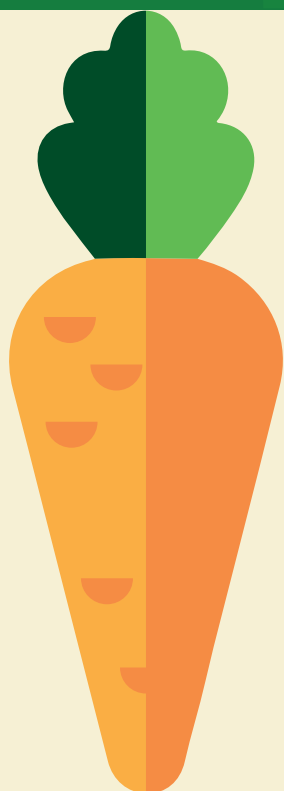


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, e de uma maneira geral, o mês de abril continuou a ser chuvoso e com temperaturas amenas.

No Baixo Vouga, o mês foi ligeiramente mais quente que o mês de março, com dois períodos curtos com temperaturas muito elevadas. A precipitação esteve presente ao longo de todo o mês, com um acumulado acima dos 100 mm, favorável a um desenvolvimento vegetativo das culturas forrageiras e dos cereais praganosos. Contudo, os terrenos de cotas baixas continuam encharcados, o que não permite a entrada das máquinas agrícolas, nem o pastoreio directo. Os terrenos de cotas mais altas, drenados, permitem um bom crescimento das ervas forrageiras e o início da preparação dos solos para as futuras sementeiras de arroz e milho, assim como as plantações das culturas hortícolas. Estas condições foram benéficas para o arranque das sementeiras de milho e de arroz, para um bom início da frutificação das vinhas, assim como para a floração das pomóideas, prunóideas e citrinos e aparecimento dos botões florais nos olivais.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, a temperatura média máxima registada rondou os 21,5,°C e a temperatura média mínima os 9,06. °C. Ocorreu precipitação em 17 dias do mês, com

um acumulado na ordem dos 147,2 mm, o que provocou o alagamento dos solos, dificultando a entrada das máquinas agrícolas nos terrenos. Mesmo assim foi possível, maioritariamente, na última semana do mês, realizar algumas sementeiras das culturas de primavera-verão nomeadamente o milho e arroz e a plantação de batata. Mas verifica-se um atraso considerável em relação às sementeiras do ano anterior, mais concretamente, da cultura do milho e da batata.

No Pinhal Litoral, o mês caracterizou-se por temperaturas mais baixas do que o normal para a época do ano. As temperaturas máximas rondaram os 17,3°C. A precipitação ocorreu em 15 dias do mês, com um acumulado de 137,8 mm. O estado do tempo tem condicionado o desenvolvimento das culturas, bem como a instalação de novas culturas, devido ao encharcamento dos solos.

Nas **zonas de transição**, e de um modo geral, o mês de abril continuou chuvoso e frio.

No Pinhal, o mês teve duas fases distintas. Os dois primeiros terços do mês pautaram-se por muitas horas de nebulosidade, temperaturas baixas para a época e com vários períodos de precipitação e até mesmo queda de granizo. O último terço do mês trouxe uma clara alteração meteorológica, com dias quentes e céu limpo. No entanto, o mês terminou com novo episódio de precipitação. As actividades agrícolas neste período estiveram condicionadas,



nomeadamente o corte para feno-silagem nos terrenos de forragem, a preparação dos terrenos para as culturas de primavera-verão, a queima de sobrantes agrícolas ou os tratamentos fitossanitários.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, ocorreram cerca de 161 mm de chuva em 18 dias, com a média das temperaturas mínimas de 7,9.°C e a das máximas de 18,1.°C, portanto, com uma amplitude diária média de 10.°C. Nos dias em que não choveu foi possível a preparação de algumas terras, designadamente para a batata cuja plantação decorre. Os solos para o milho ainda não foram, na maioria, preparados, por estarem demasiado pesados para a mobilização.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, a temperatura média máxima foi de 17.°C e a mínima de 8.°C. Na segunda semana do mês ocorreu uma subida da temperatura diurna e acentuado arrefecimento noturno. A precipitação foi bem distribuída ao longo do mês registando-se alguns nevoeiros e alguns dias parcialmente encobertos. O estado do tempo condicionou as mobilizações do solo para preparação das sementeiras. Os agricultores começam a preocupar-se, porque esta situação pode comprometer a produção, a qualidade dos produtos e o atraso nas colheitas, nomeadamente a batata. As culturas cerealíferas apresentavam, de um modo geral, um bom estado vegetativo beneficiando do teor de humidade dos solos e das temperaturas registadas.

No Pinhal Sul, as temperaturas máximas estiveram abaixo da média para a época, com a. média das máximas nos 18,59.°C; a média das mínimas nos 9,76.°C e a média das temperaturas médias 14,17.°C. Durante o mês verificaram-se amplitudes máximas de 14.°C a 23/04/2025

e amplitudes mínimas de 3.°C a 4/04/2025. Quanto à precipitação o mês foi muito chuvoso até ao dia 21, com uma média acumulada nas várias estações meteorológicas de 538,39 mm. Considerando que a pluviosidade na região regista uma média de 92,62 mm, resulta um excedente da pluviosidade média em 445,82 mm, no mês de abril relativamente ao histórico do IPMA(1981-2021). As temperaturas e pluviosidade que ocorreram em abril, contribuíram para um bom desenvolvimento vegetativo, dos cereais de pragana, pastagens naturais e consociações forrageiras, contribuindo para o aumento da produção forrageira dos pequenos ruminantes e para o pastoreio directo.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, o estado de tempo foi bastante propício para o desenvolvimento das diversas culturas; porém, tem vindo a atrasar as sementeiras de Primavera/Verão e demais lavouras que é necessário efectuar.

Na Campina e Campo Albicastrense, o mês em análise teve temperaturas mais baixas do que o correspondente mês do ano anterior, enquanto que os valores da precipitação foram semelhantes. As condições climáticas atrasaram o estado vegetativo da generalidade das culturas; quer das arbóreas e arbustivas, quer das anuais. Nas culturas anuais atrasaram as sementeiras/plantações, para além do desenvolvimento vegetativo das culturas já instaladas.

Tanto na Cova da Beira como na Serra da Estrela, o mês pautou-se por apresentar no geral, temperaturas médias inferiores em 2,29.°C e 1,07.°C, que em igual período de 2024, respectivamente. Por outro lado, a precipitação

ocorrida foi bem distribuída ao longo do mês e superou os valores correspondentes a abril de 2024, em mais 69 mm/m² e 35 mm/m², respectivamente. A precipitação abundante e constante, deu continuidade aos problemas de encharcamento das terras mais baixas com a consequente perda das sementeiras realizadas e contribuindo para os atrasos na preparação das terras para as sementeiras de Primavera. O tempo mais frio e chuvoso que no ano transacto, atrasou também o início da actividade vegetativa das fruteiras e respectiva floração.



No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de abril em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de abril.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, as condições edafoclimáticas têm sido favoráveis ao desenvolvimento de algumas doenças nas culturas, obrigando a tratamentos fitossanitários preventivos e em certos casos já curativos, evidenciando-se os seguintes casos:

- No Pinhal (zona de transição), o pedrado nas nespereiras está instalado na maioria das árvores, sendo os ataques bastante intensos pelas condições que se foram registando desde a floração. Nesta fase já não é aconselhável qualquer tratamento de modo a respeitar o intervalo de segurança dos produtos fitossanitários, tendo em conta que o fruto já se encontra numa fase final do seu amadurecimento. Outra cultura que neste período apresenta problemas fitossanitários é o pessegueiro, com fortes ataques de lepra, que debilitam a actividade da árvore. Na vinha, já se iniciaram os tratamentos fitossanitários, para controlo de várias doenças que vão reunindo condições para se desenvolver mesmo que alguns ainda não sejam perceptíveis a olho nu (míldio, oídio, black-rot e escoriose). No olival, com o regresso da chuva no fim do mês e os terrenos ainda com grande quantidade de água, adiaram-se os primeiros tratamentos nesta cultura. Contudo, é importante frisar que na variedade galega (a mais comum na zona) a presença de olho de pavão e cercosporiose já está muito presente. Também se verifica a presença ainda que em pequena escala, de algodão.
- Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra (zona de transição), com o início da fase vegetativa de todas as perenes caducas, a humidade elevada e as temperaturas diárias acima dos 19.°C, tem sido necessário um cuidado acrescido para o controlo de pedrado nos pomares.
- Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões (zona de transição), registo de ataque intenso de olho-de-pavão nos olivais.



- No Pinhal Sul (zona de transição), nas cerejeiras houve uma continuidade dos tratamentos contra a monília; nos pessegueiros contra a lepra, pois observam-se as folhas com sintomas de ataque de lepra. As amendoeiras não aparentam ter sintomas de doença nas folhas, mas, a ausência de tratamentos e a chuva na floração, levaram a um fraco vingamento, com ausência de produção. Nas pomóideas (macieiras e pereiras), os fruticultores já iniciaram os tratamentos preventivos, contra o pedrado, pois, o estado fenológico e as condições climáticas estão propícias a infeções primárias de pedrado. Na vinha, as condições climáticas não permitiram a realização de tratamentos nas primeiras três semanas mas, logo que as condições o facilitaram os viticultores iniciaram os tratamentos com produtos anti-oidio de ação preventiva e produtos anti-míldio com ação sistémica.

- Na Campina e Campo Albicastrense (zona de interior), nota-se a presença de lepra nos pessegueiros, mas em níveis considerados baixos.

Relativamente aos fatores abióticos não se registaram outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacando-se os casos onde continuam os ataques de espécies cinegéticas.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de abril para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDRC, foram:

Batateiras – medidas culturais.

Citrinos – míldio ou aguado dos citrinos, afídeos.

Olival – caruncho, traça-da-oliveira, olho-de-pavão e cercosporiose.

Pequenos frutos (mirtilo) – os mirtilos têm grande sensibilidade à podridão nos períodos de pré-floração e floração. Mantenha a vigilância, sobretudo em períodos de chuva e nas variedades sensíveis No Posto de Observação Biológica de Viseu já se observou piolho negro. Consulte a lista de produtos autorizados para usos menores para a cultura do mirtilo. Não aplique inseticidas com os mirtilos em floração.

Pomóideas (macieiras/pereiras) – aranhaço-vermelho e amarelo, cochonilha de São José, afídeos (verde e cinzento), pedrado, bichado, fogo-bacteriano.

Prunóideas (cerejeiras, pessegueiros, outras) – nos pessegueiros: lepra, oídio, afídeo-verde e anarsia; nas cerejeiras: moniliose, afídeo-negro, mosca-da-asa-manchada (*Drosophila suzukii*).

Vinha – escoriose da videira, míldio, oídio, podridão-negra (black-rot), traça da uva, mobilizações do solo e geadas tardias (conselhos).

Informação Fitossanitária - Vetores de Xylella fastidiosa – A DGAV divulgou a Autorização excecional de emergência N.º 15/2025 - Art.º 53 do Regulamento (CE) n.º 1107/2009, de 21 de outubro, para utilização de produtos fitofarmacêuticos no controlo de potenciais vetores da bactéria *Xylella fastidiosa* em plantas hospedeiras, no contexto do Plano de contingência para a *Xylella fastidiosa* e seus vectores.

3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, verifica-se um bom desenvolvimento das culturas forrageiras e pratenses sementeiras, assim como, das pastagens permanentes espontâneas. Exceptuam-se casos pontuais de asfixia radicular e ausência de desenvolvimento vegetativo, em zonas encharcadas. Nos terrenos de cotas mais altas, o segundo e último corte está efectuado. Nas espécies pecuárias, recorreu-se em grande parte, ao pastoreio directo e/ou ao corte (nas forrageiras para corte) para a sua alimentação, complementada com fenos e palhas (cerca de menos 20% que em igual período do ano anterior), assim como, a mesma redução no recurso a silagens e rações, principalmente nos animais com vocação para produção de leite ou engorda.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, estas culturas têm tido bom desenvolvimento vegetativo. A alimentação animal tem sido maioritariamente matéria verde, complementada por fenos, palhas, silagem de milho e algum arraçoamento. O pastoreio directo tem sido dificultado com o alagamento dos solos.

No Pinhal Litoral, os campos continuam encharcados e as culturas continuam a ter um atraso no desenvolvimento, relativamente à época do ano. A alimentação animal é assegurada através de pastoreio directo, complementada com fenos, silagem de milho e pelas rações, essencialmente nas explorações de leite.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o mês foi mais favorável que o anterior no desenvolvimento de matéria verde, pela conjugação de vários factores determinantes: precipitação, temperaturas amenas, dias mais longos e maior número de horas de insolação. Nas pastagens espontâneas ou em regime plurianual já bem consolidado de anteriores anos, o raizame vai suportando os índices de precipitação, permitindo o pastoreio extensivo sendo a principal adversidade os problemas inerentes ao pisoteio, o que exige uma gestão cuidada na rotação do gado. Por esse facto nas zonas com pior drenagem, tem sido evitado o pastoreio dos animais e a produção vegetal ficará direccionada para feno. Nas forragens, as condições meteorológicas têm dificultado o corte para feno-silagem. Alguns agricultores foram aproveitando para corte em verde para distribuir ao gado, mas este ano as forragens serão direccionadas sobretudo para feno.

No Alto Mondego e na Beira Serra, as culturas pratenses e forrageiras continuam com crescimentos elevados para a época. O pastoreio faz-se com algumas limitações por os pastos estarem encharcados, obrigando ao corte de forragem para suprir a diminuição de pastoreio. O consumo de feno e de rações industriais, é reduzido ao mínimo.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas têm sido favoráveis ao normal desenvolvimento vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais, recuperando com a subida das temperaturas ocorridas no mês de abril e o teor de humidade dos solos. No Baixo Dão Lafões, verifica-se uma ligeira redução na área semeada de prados temporários e culturas forrageiras, que, por indicação dos agricultores estas culturas são a base para a protecção de terrenos em pousio, assim como, para a alimentação e produção animal, que tem vindo a diminuir nesta zona. As pastagens sementeiras no início do inverno estão em fase de pastoreio e já foram efectuados cortes para consumo em verde.

No Pinhal Sul verifica-se um bom desenvolvimento vegetativo das pastagens e consociações forrageiras. As pastagens sementeiras e as consociações forrageiras têm proporcionado uma grande quantidade de alimento para os efectivos pecuários.

Nas **zonas do interior**, de uma forma geral, os prados, as pastagens e as culturas forrageiras apresentam um aspecto vegetativo a variar de: bom (Cova da Beira e Serra da Estrela) e ótimo (Riba Côa, Cimo Côa, Campina e Campo Albicastrense) devido às condições climáticas verificadas. A alimentação dos efectivos é feita em grande parte recorrendo ao pastoreio directo, complementada com fenos e palhas, disponibilizando-se o recurso a rações e outros alimentos conservados, nos casos de animais com vocação produtiva de leite ou animais de engorda.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, o encharcamento das terras localizadas a cotas inferiores continuou a afectar o desenvolvimento das espécies pratenses e forrageiras. De um modo geral, o recurso a alimentos conservados ou rações foi inferior a igual período do ano transacto (cerca de menos 20%).

Na Campina e Campo Albicastrense, as culturas forrageiras e as pastagens apresentam ótimos índices de crescimento/desenvolvimento aguardando-se um bom ano de produção forrageira, superior ao ano anterior. As condições de alimentação das espécies pecuárias são muito boas devido à elevada disponibilidade da massa verde para pastoreio, que também é de qualidade, o que permite reduzir o fornecimento de rações e forragens conservadas aos animais.



4-b – Estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira Outono-Invernal.

Nas **zonas do litoral**, e de um modo geral, as condições climáticas ocorridas durante este mês, conjugadas com a dos meses anteriores permitiram um bom desenvolvimento destas culturas, com excepção das sementeiras realizadas em solos encharcados.

No Baixo Mondego, as culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal tem tido desenvolvimento vegetativo favorável, mas pouco uniforme.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a persistência de ataques de espécies cinegéticas reflecte-se na diminuição de áreas semeadas, afectando naturalmente a manutenção das culturas cerealíferas nesta zona. Apresentam um estado vegetativo normal.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, estas culturas apresentam-se com bom aspecto vegetativo, encontrando em fase de desenvolvimento/crescimento da panícula.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, estas culturas feitas nos meses anteriores, beneficiaram das condições climatéricas ocorridas nos meses seguintes. Verifica-se um atraso no crescimento, nas zonas mais encharcadas, no entanto, apresentam boa germinação. Os agricultores começam a semear menos, por vários factores, cotação do cereal, diminuição de animais, idade avançada dos agricultores e pelos ataques pontuais de espécies cinegéticas, fazendo também, a sementeira de vários cereais em conjunto. Em relação à produtividade resultante, nomeadamente da área semeada, prevê-se uma diminuição no triticale, centeio e aveia. Quanto ao trigo e cevada é semelhante ao ano anterior.

Na zona homogénea do Pinhal Sul, os cereais de praga, com destino a forragens para alimentação animal, apresentam um desenvolvimento muito bom, sem acama e com uma espiga bem desenvolvida.

Nas **zonas de interior**, de uma maneira geral, estas culturas apresentam um estado vegetativo a variar entre normal (Campina e Campo Albicastrense) a bom (Riba Côa, Serra da Estrela, Cimo Côa, Cova da Beira).

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, na cultura da aveia devido aos maiores teores de água no solo, teve um pior desenvolvimento vegetativo. Também, os cereais cultivados em terras mais baixas, onde a acumulação de água devido à precipitação, provocou algum amarelecimento das searas que nos casos menos graves vão recuperando ou que, nos casos de maior gravidade ou persistência levaram à asfixia radicular e consequente morte das plantas.

Na zona homogénea da Campina e Campo Albicastrense, antevê-se boa produtividade nestas culturas. As searas encontram-se entre a floração e o estado leitoso do grão.

5-e – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares e olivais: estado vegetativo; floração e vingamento do fruto.

A seguir descrevem-se os aspetos mais relevantes para as diferentes culturas arbóreas e arbustivas.

• Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o castanheiro já iniciou o seu ciclo vegetativo. Segundo alguns produtores, não se verifica ainda a presença de galhas, praga que tendencialmente esteve controlada no ano anterior.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se no estado fenológico: Em-glomerulos bem individualizados e as amendoeiras no estado fenológico I - frutos em crescimento.





No Pinhal Sul, as amendoeiras mostram uma quebra de produção, devido a fraco vingamento provocado pela chuva ocorrida durante a floração.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, a amendoeira tem os frutos em desenvolvimento e apesar de haver diferenças na quantidade de frutos de acordo com a variedade, no geral, o estado da cultura é bom em termos de quantidade de produção.

Na Serra da Estrela e na Cova da Beira, as amendoeiras, em maior quantidade na Cova da Beira, tiveram problemas com o vingamento do fruto, prevendo-se uma quebra na produtividade da ordem dos 30%, em relação ao ano transato. Os pomares de avelãs existentes na Cova da Beira, na sua maioria plantações novas em fase de desenvolvimento, apresentam bom desenvolvimento.

- **Pomares de Citrinos**

Nas **zonas do litoral**, os citrinos apresentam boas características e assegurada a normalidade da qualidade e quantidade, sendo que a produção está confinada a pomares em explorações de cariz familiar e destina-se maioritariamente ao autoconsumo.

Nas **zonas de transição**, a colheita nos citrinos já terminou em geral, restando as laranjas de variedades serôdias. Nesta fase é já visível o vingamento da próxima produção. Ainda é cedo para estimativas de produção.

- **Pomares de Kiwis, Maracujá**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os pomares de kiwi estão a entrar de uma maneira gradual na fase rebentação dos gomos florais.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico E - folhas visíveis.

- **Pomares de Pequenos Frutos (mirtilo, ...)**

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os mirtilos encontram-se no estado fenológico I - frutos jovens.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os mirtilos apresentam bom desenvolvimento vegetativo; encontrando-se algumas variedades em floração e outras com os frutos em desenvolvimento na Serra da Estrela. Na Cova da Beira, a maioria das variedades, apresenta-se já com os frutos em desenvolvimento.

• Pomares de Prunóideas

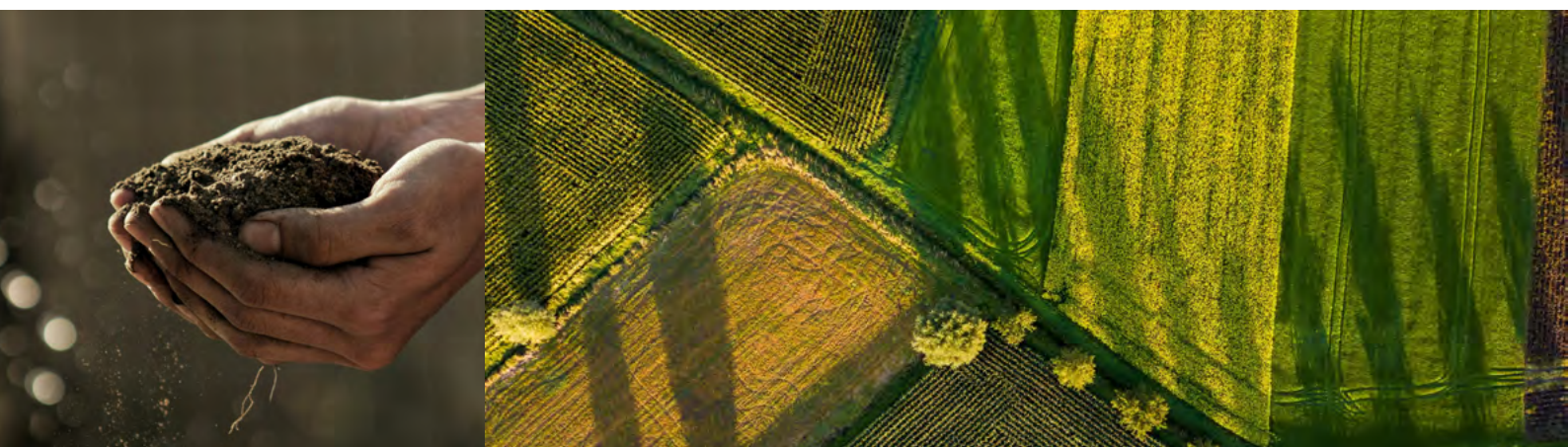
Nas **zonas de transição**, no Alto Mondego e Beira Serra, os pessegueiros e as ameixeiras encontram-se no estado fenológico I – frutos em crescimento; as cerejeiras encontram-se no estado fenológico F/ G/ H – plena floração / queda das pétalas / fruto vingado.

No Alto Dão-Lafões e Baixo Dão-Lafões, algumas espécies estão em pleno vingamento do fruto, como é o caso dos pessegueiros, outras em plena floração, como a cerejeira.

No Pinhal Sul, as cerejeiras precoces estão no estado fenológico (I) cálice tombado. As cerejeiras de estação encontram-se no estado fenológico (F) floração, e as tardias no estado fenológico (E) estames à vista. Os estados vegetativos em que as várias cultivares de cerejeiras se encontram, conjugado com as condições climáticas ocorridas de grande quantidade de precipitação, e temperaturas médias de 13,75.° C, foram muito propícias ao desenvolvimento de fungos, como o da *Monília laxa* que ocorre quer nas flores quer nos frutos. No entanto estima-se que a produção de cereja seja acima do normal. Os pessegueiros já têm os frutos vingados, mas com uma produção abaixo do normal, falta vingamento, provocado por chuva na floração e queda da pétala.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, os pessegueiros apresentam-se com os frutos em desenvolvimento, ocorrendo diferenças na quantidade de frutos vingados consoante a variedade, o que poderá vir a afetar a produção global. As cerejeiras encontram-se em vários estados fenológicos, desde frutos em desenvolvimento nas mais adiantadas, passando pelo vingamento do fruto, queda da pétala e pela flor aberta nas mais atrasadas. No geral, nos vários estados fenológicos das cerejeiras, as cerejas estão normais, o que poderá vir a traduzir-se num aumento de produção relativamente ao ano anterior.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os pessegueiros e nectarinas, encontram-se na fase de desenvolvimento do fruto, mais avançada nas variedades mais precoces e a sul da Gardunha na Cova da Beira. Prevê-se uma quebra na produção na ordem dos 25%, relativamente a 2024. As chuvas trouxeram problemas na polinização e no vingamento do fruto. O mesmo aconteceu com as ameixas, com previsão de quebra de produtividade de 30% em referência ao ano anterior. As cerejeiras encontram-se na fase final da floração na Serra da Estrela, na fase de queda do cálice/frutos viáveis, na Cova da Beira, na fase de desenvolvimento do fruto, mais atempada nos pomares protegidos com tuneis. Estima-se um acréscimo de cerca de 20% na produção de cereja na Cova da Beira relativamente a 2024, com base na apreciação atual do estado fenológico da cultura nesta zona homogénea. Importa realçar que a instabilidade meteorológica que se tem verificado não permite uma apreciação mais rigorosa. De facto, a precipitação ocorrida na altura da floração – sobretudo nas variedades mais precoces – afetou o processo de polinização e consequente vingamento do que poderá resultar em frutos não viáveis. Em todo o caso, pese embora se registre alguma persistência dessa instabilidade, a informação recolhida junto de alguns produtores aponta para um ano com produtividades superiores às verificadas em 2024 (mas inferiores a 2023), que se estima em 20%.



• Pomares de Pomóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, as macieiras encontram-se no estágio de plena floração e as pereiras encontram-se no estágio de queda das pétalas.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a nespereira sofreu muito com o pedrado nesta campanha, com grande parte da produção (sobretudo de cariz familiar) afetada por esta doença. A maturação está mais atrasada face ao ano anterior.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as macieiras encontram-se no estado fenológico H / I - queda das últimas pétalas / fruto vingado; as pereiras encontram-se no estado fenológico I / J - fruto vingado / fruto em desenvolvimento e, os marmeleiros encontram-se no estado fenológico F2 - plena floração.

No Alto e Baixo Dão-Lafões, as macieiras, na maioria, estão na fase de floração, havendo, contudo, locais com macieiras em folha e outras em botão rosa. Os tratamentos fitossanitários continuam a ser realizados como prevenção, tendo sido observado em alguns locais o “piolho cinzento”. É prematuro avançar previsões de produção, no entanto, as expectativas são boas, atenta a quantidade de esporões das árvores.

No Pinhal Sul, as pomóideas estão no estado (D3 / E-E2) (aparecimento dos botões florais / sépalas deixam ver as pétalas). As pereiras estão no estado (G / H / I) (queda das pétalas/ queda da última pétala/ vingamento), estados fenológicos muito susceptíveis a ataques de pedrado.

Nas **zonas do interior**, na Serra da Estrela e na Cova da Beira, as pereiras encontram-se na fase de vingamento do fruto, enquanto que as macieiras se encontram na fase de frutos em crescimento, sendo que as variedades Golden e Bravo, estão mais atrasadas.

Na Campina e Campo Albicastrense, as macieiras encontram-se sobretudo na floração observando-se boa quantidade de flores.

• Olival

Nas **zonas do litoral**, os olivais encontram-se nos estados fenológicos: inchamento dos botões florais (Pinhal Litoral) e no início da floração (Baixo Mondego).

Nas zonas de transição, no Pinhal, o olival, apresenta heterogeneidade no que toca aos estados fenológicos. A cultura situa-se entre o aparecimento dos botões florais e a pré-floração. A nível de fitossanidade, ainda não há informação de tratamentos ocorridos, embora se vá verificando nalguns olivais, alguma desfoliação, assim como, sintomas da presença de olho de pavão e cercosporiose.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico C - formação das inflorescências.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os olivais estão na pré-floração, com bom aspeto, sendo ainda cedo para perspetivar o potencial produtivo. Os tratamentos preventivos previnem o aparecimento de doenças e ou pragas, tendo aparecido em alguns locais não tratados, o “olho de pavão”.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, os olivais encontram-se nos estados fenológicos entre o início vegetativo e o aparecimento dos botões florais.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os olivais a norte da Serra da Estrela e Cova da Beira, encontram-se na fase de diferenciação dos gomos florais - Estado B, enquanto que as oliveiras dos olivais a sul da Gardunha e nas zonas mais soalheiras da Cova da Beira, encontram-se no início do inchamento dos gomos florais - Estado C.

• Vinha

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as vinhas estão a entrar gradualmente na fase de pré-floração, não havendo atrasos vegetativos significativos.

No Pinhal Litoral, a vinha encontra-se no estágio de cachos separados.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura da vinha situa-se entre os estados fenológicos de folhas separadas (zonas de montanha sobretudo viradas a Norte) até ao estado de cachos separados. Em geral, apresenta um ótimo estado vegetativo, estando mais atrasada que no ano transato, o que se justifica sobretudo pelas temperaturas mais baixas dos meses de março e abril. Já foram efetuados tratamentos fitossanitários para controlar o oídio e o míldio, uma vez que nalguns períodos já se verificaram as condições ideais ao desenvolvimento destes fungos. É precoce a estimativa da produção e qualidade do fruto, perspetivando-se um ano difícil em termos fitossanitários.

No Alto Mondego e na Beira Serra, a vinha encontra-se no estado fenológico E / F - folhas livres / cachos visíveis.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as vinhas apresentam alguma heterogeneidade: há vinhas que se encontram no estado de cacho visível, variando consoante a localização e a casta, outras entraram na fase vegetativa de brotação, apresentando início da floração. Há zonas onde o desenvolvimento vegetativo é reduzido. Realizam-se as podas e tratamentos fitossanitários preventivos.

No Pinhal Sul, as videiras mais precoces estão nos estados (E / F) (2 a 3 folhas livres / cachos visíveis), as condições climáticas de precipitação não permitiram nas primeiras três semanas os tratamentos fitossanitários, tendo-se iniciado os tratamentos com produtos anti-oídio de ação preventiva e produtos anti-míldio com ação sistémica.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense as vinhas, em termos fenológicos, encontram-se entre os estados da saída das folhas e separação dos cachos.

Na Serra da Estrela e Cova da Beira, as vinhas estão com bom início de desenvolvimento vegetativo, encontrando-se no estado fenológico de saída das folhas/ 2-3 folhas (D, E) na Serra da Estrela e na Cova da Beira estão no estado de separação dos cachos (F).

• Outros pomares

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, na cultura do medronho, a perspetiva é de maior produção comparativamente com o ano anterior. A cultura não foge à regra e também se encontra num estado de menor desenvolvimento, comparando com aquele em que se encontrava há um ano. O calibre do fruto está muito heterogéneo. Sem problemas fitossanitários a registar nesta fase.



6-a – Sementeira de Primavera: como decorreram; como germinaram; variação das áreas semeadas ou plantadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado.

De um modo genérico nas três zonas (**litoral, transição e interior**), as sementeiras e/ou plantações de Primavera, estão atrasadas devido às condições climáticas verificadas nos meses anteriores e no atual, as quais impediram a preparação dos solos e a entrada de máquinas nos terrenos devido ao elevado teor de água nos solos. Porém, descrevem-se a seguir e para algumas culturas em pormenor o que aconteceu durante o mês.

• Arroz

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, iniciou-se a sementeira do arroz na última semana do mês, sem alteração de área relativamente ao ano passado.

Na zona homogénea do Baixo Vouga, o arroz ocupa igualmente as mesmas áreas em relação ao último ano, mas, nas freguesias de Canelas e Salreu, as poucas parcelas existentes têm tendência a diminuir ou até a desaparecerem definitivamente, face ao baixo rendimento delas obtido, encontrando-se sob o efeito nocivo da salinização.

No Pinhal Litoral, as sementeiras estão um pouco atrasadas devido ao encharcamento dos solos que impede a entrada das máquinas nos terrenos. A área semeada deverá ser idêntica há do ano anterior.



• Batata

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a cultura da batata mantém mais ou menos estáveis as áreas de plantação, registando atraso devido às condições meteorológicas caracterizadas por chuvas frequentes no inverno e primavera que impediram as mobilizações dos solos. Tanto na batata de sequeiro como a de regadio, estimam-se produções semelhantes ao último ano.

No Pinhal Litoral, as sementeiras estão igualmente um pouco atrasadas devido ao encharcamento dos solos que impede a entrada das máquinas nos terrenos. A área semeada deverá ser idêntica há do ano anterior.

Nas **zonas de transição**, em geral, as sementeiras de primavera estão atrasadas devido às condições climatéricas e ao estado do solo.

No Pinhal, não se estima a diminuição das áreas, visto ser uma cultura tradicional na zona e com boas produções. Ainda assim, a presença do javali neste território tem levado os agricultores a não aumentar as áreas da cultura. Acresce que, nalguns casos, as temperaturas mais baixas e o excesso de humidade dos solos, obrigou a uma replantação.

No Alto Mondego e da Beira Serra assiste-se a um frenesim para realizar as últimas sementeiras de batata.

No Pinhal Sul, as plantações de batata de sequeiro foram muito reduzidas, as de regadio ainda não foram feitas, também devido à excessiva humidade dos solos (segundo o IPMA a capacidade de campo é >90%).

Nas **zonas do interior**, verifica-se igualmente a situação de atraso consequência dos mesmos fatores relacionados com a elevada precipitação ocorrida ao longo do inverno e da primavera.

Prevê-se uma redução nas áreas na batata de regadio em todas as zonas homogêneas com exceção da serra da Estrela. Destaque para a diminuição no Riba e Cimo Coa que deverá ficar por metade relativamente ao passado e de 70% na Cova da Beira, justificado, segundo os principais produtores, por a cultura não ser compensadora.

• Feijão, grão-de-bico, outras

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a sementeira do chicharo, cultura que tem alguma expressão em parte desta zona, também está atrasada.

No Pinhal Sul, as plantações de grão de bico ainda não foram feitas, porque os solos estão demasiado húmidos (segundo o IPMA a capacidade de campo é > 90%).

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, a sementeira do feijão, não tem expressão na zona, pelo que a perspetiva é de diminuição de área. Os agricultores semeiam por subsistência e auto-consumo.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as sementeiras estão bastante atrasadas, talvez estejam cerca 50% da área semeada, devido precisamente ao estado de tempo verificado. Com a melhoria de tempo a decorrer, espera recuperar-se o tempo perdido.

• Milho

Em toda a região Centro, esta cultura regista atraso considerável em todas as zonas homogêneas em relação ao ano passado, havendo mesmo algumas zonas onde ainda não se iniciaram de todo, como é o caso da Beira Serra, Alto Mondego e Pinhal Sul. As condições meteorológicas só permitiram efetuar as sementeiras nas zonas menos alagadas e em terrenos de cota mais alta, onde foi possível entrar com as máquinas agrícolas. Alguns terrenos ainda não foram lavrados para a preparação das sementeiras, sobretudo devido ao encharcamento dos solos (segundo o IPMA a capacidade de campo é > 90%).

ANEXO I

Zonas Homogêneas		Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitação	Temperaturas Médias (°C)		
				01 a 30/04		Máx.	Min.	Média
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Aguieira	96,6	16	21,4	8,4	14,7
		Anadia	Arcos	169,0	16	20,8	9,7	14,8
	Baixo Mondego		Pedralvites	-	-	-	-	-
		Cantanhede	Poço Lobo	137,2	17	20,2	9,3	14,3
		Soure	Moinho de Almoxarife	147,2	17	20,4	9,6	15,1 *
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	128,2	15	21,2	9,3	15,3 *
		Montemor-o-Velho	Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	143,4	16	19,6	9,9	15,1 *
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	117,8	15	20,2	9,1	14,8 *
	Pinhal Litoral	Batalha	Branças	136,8	17	20,6	9,2	14,7
		Leiria	Azóia	121,4	16	19,8	10,9	14,8
		Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-
		Pombal	Abiul	138,6	5	20,3	10,3	14,7
		Leiria	Regueira de Pontes	119,2	16	20,6	9,9	15,0
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	129,4	16	25,8	8,2	15,9
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-
		Ansião	Freixo	145,4	18	19,6	8,9	13,8
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	142,6	19	19,8	8,8	13,9
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	132,6	14	19,1	6,9	12,8
	Baixo Dão-Lafões	Tondela	Quinta das Tílias	196,6	19	21,5	9,0	14,5
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	93,4	15	19,3	7,5	13,2
	Pinhal Sul	Sertão	Cernache	150,2	17	18,9	7,7	13,1
		Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	109,0	16	19,8	10,0	14,3
		Oleiros	Oleiros	186,2	17	16,7	7,8	11,9
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	62,8	12	21,5	7,1	13,9
		Pinhel	Pinhel	75,4	14	18,6	5,0	11,7
		Trancoso	Trancoso	113,0	16	16,2	6,0	10,6
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	107,2	15	19,0	5,9	12,3
		Guarda	Relvas	106,0	14	19,5	6,8	13,0
	Cimo Côa	Sabugal	Martim Rei	120,0	14	16,1	4,5	10,2
		Almeida	Almeida	77,0	15	17,1	6,5	11,8
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	117,6	15	19,5	5,7	12,3
		Covilhã	Lamaçais	134,6	14	19,6	6,1	12,7
		Fundão	Brejo	-	-	-	-	-
			Alcongosta	220,8	16	16,7	7,9	12,0
			Fadagosa	-	-	-	-	-
	Campina e Campo Alcobacastrense	Idanha-a-Nova	Várzea	79,4	16	21,2	7,2	13,9
		Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	78,4	16	19,3	5,8	12,3

Fontes: EM/M.A.P. - D.G.A.V. - D.I.F.M.P.V.

* ABOFHBM

ANEXO II

02/05/2025															
						Armazenamento total				Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias			
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Cota actual	Actual (hm3)	Última leitura (hm3)	Varição (hm3)	% ao NPA	Vol. útil armaz - hm3	%	Descarregado r de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	104,00	0,102	0,102	0,000	100,0%	0,098	100,0%	sim	não	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,58	0,134	0,134	0,000	100,0%	0,134	100,0%	sim	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	684,81	2,200	2,200	0,000	100,0%	2,150	100,0%	sim	não	não
Mortágua	Madeira	143,63	0,946	0,026	0,920	143,67	0,946	0,946	0,000	100,0%	0,920	100,0%	sim	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	482,03	0,120	0,120	0,000	100,0%	0,116	100,0%	sim	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	577,02	4,867	4,867	0,000	100,0%	4,684	100,0%	sim	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	801,07	0,854	0,854	0,000	100,0%	0,650	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	112,63	1,746	1,746	0,000	100,0%	1,746	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujais	131,00	3,891	0,591	3,300	131,03	3,891	3,891	0,000	100,0%	3,300	100,0%	sim	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	547,24	0,589	0,589	0,000	100,0%	0,556	100,0%	sim	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354		15,449	15,449		100,0%	14,354	100,0%			
OBSERVAÇÕES/OUTROS:															
n.a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.															
Fonte: CCDRC/DIGRHH															



WWW.CCDRC.PT

